

Claro demais para uma tarde sonolenta/ Too Clear for a Somnolent Afternoon

Bruno Soares dos Santos¹

¹ Modern Languages and Cultural Studies, University of Alberta, Edmonton, Canada

E-mail: brunosoaes@ualberta.ca

Quando chegou a notícia, o bolo ainda assava no forno. Olhei para você, o corpo de repente tão pequeno, embrulhado no edredom do sofá, a mesa de trabalho abandonada no corredor do apartamento. Tentamos insistir em terminar o dia como planejado, os sonhos guardados debaixo da cama, os pratos cheios de açúcar nos colos, nos perguntando mais uma vez de onde vinha aquele jazz, seria do apartamento ao lado, ou de cinco quadras à frente. O sol, porém, voltou a entrar pela janela, e a sala ficou clara demais para uma tarde sonolenta.

Passamos os últimos meses com os pescoços espichados por trás das cortinas, a observar o ponto de ônibus desavisado em frente ao nosso prédio, as ruas que despertavam inúteis. Essa cidade, que antes disso tudo já era vazia, percebeu que não precisava mais fingir ser cidade, e a neve nunca mais deixou de cair. Pelo contrário, depois da chegada da primavera, passou a descer cada vez mais espessa, e como estávamos distraídos, nos perguntando de onde vinha aquele jazz, cozinhando somente pela alquimia, tomou a liberdade de cobrir o chão por um ano inteiro. Não nos demos conta, mas os corvos multicoloridos desapareceram um por um. Os gansos até sobrevoaram nosso mapa, ouvimos o choro deles, mas nunca chegaram a pousar aqui.

Agora, nos cantos das esquinas, a lama escura no pelo dos cachorros e nos sapatos dos mendigos denuncia que, assim como nós, a cidade precisa vestir a roupa solene, oficial, e correr atrás do verão. A claridade torna-se ainda mais forte, o suficiente para fazer as meias grudarem nos pés. A fumaça desliza pelas portas do forno, e o alarme de incêndio soa. Você pula do sofá com aquela sua cara de quem não sabe como agir, abre as janelas para fazer escapar a fumaça, mas o vento que entra não é tão frio. Giramos panos de prato próximos ao teto, tentando cessar o alarme, que insiste em ecoar, deixando nosso domínio e chegando aos corredores, ao saguão, aos outros apartamentos. O bolo sai preto do fogão, intragável, e vai direto para a lata de lixo. Contra a nossa vontade, os metais daquele jazz são substituídos pelo barulho de sirenes.

--

When the news arrived, the cake was still in the oven. I stared at you, your body suddenly too small wrapped in the comforter on the couch, far from the work desk abandoned in the apartment corridor. We tried to move on with the day as planned, dreams kept under the bed frame, plates full of sugar in our laps, wondering once again where that jazz came from, was it the apartment next door or five blocks away. The sun, however,

came in through the window, and the living room turned too clear for a somnolent afternoon.

We've spent the last months with our necks strained behind curtains, spying on the unsuspecting bus stop in front of our building and on the streets that would wake up useless. This city, which was deserted even before all of this, realized it no longer had to pretend being a city, and the snow never stopped falling. Instead, it started to fall thicker every day, and as we were distracted, wondering where that jazz came from, cooking for the sake of alchemy, it felt entitled to cover the floor for the entire year. We didn't notice, but the multicoloured crows disappeared, one by one. Even the geese flew over our map, we heard them crying, but they never landed here.

Now, in the corners of the blocks, the black mud on the dogs' fur and under the shoes of the homeless announces that, like us, the city has to wear solemn, official clothes and leave after summer. The clarity has become stronger, enough to make socks stick to feet. Smoke escapes through the oven's door, the fire alarm sounds. You leap from the couch, with that face you make when you don't know how to act, open the windows to let it go, but the wind that comes in is not so cold. We fan dishcloths at the ceiling, try to stop the alarm which insists on echoing, leaving our domain and reaching the hallways, the lobby, the neighbouring units. The cake comes out black, inedible, and goes straight to the trash can. Against our will, the brass of that jazz is replaced by sirens.